

## **Universidade, Ciência e Tecnologias**

**O conhecido catedrático catalão Joan Guinovart**, escreveu um dia que “la Universidad, o será investigadora, o no será”, um axioma que o meu professor de Matemática do 2º ano do Liceu Nacional de Ponta Delgada, Alexandre “Bugiganga” ( só me lembro da alcunha, não do nome) designaria como “uma verdade que até um cão nasce a saber”. Decorridos mais de 40 anos, é pois muito animador ver que a chama da investigação científica na nossa Universidade está bem viva, como demonstram as inúmeras iniciativas onde participam as equipas de cientistas e docentes, com relevo para as gerações mais jovens. A internacionalização das actividades de investigação científica, sejam de índole fundamental ou aplicada, tornou-se praticamente indispensável em época de globalização crescente, exigindo integração em grupos de dimensão relevante, no mínimo de dimensão nacional. Foi assim que nasceu o cE3c, o Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes, cujos 3 E’s correspondem a preocupações fundamentais, especialmente para regiões insulares: a ecologia, a evolução das espécies e dos ecossistemas e as alterações ambientais.

**Nos dias 5 e 6 deste mês, no Complexo Científico que tive o prazer de inaugurar no ano 2000** e é sede da Faculdade de Ciências e Tecnologia, teve lugar o 3º Encontro Anual do c3Ec e o primeiro realizado nos Açores, pois os dois anteriores realizaram-se na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. A organização, desta vez, ficou a cargo da Universidade dos Açores, reunindo os cientistas dos 12 grupos de investigação que compõem o Centro coordenado pela Profª Margarida Santos-Reis, da Universidade de Lisboa. Participaram 50 investigadores, tendo no dia 5 sido feitas 3 conferências por oradores convidados, abertas ao público. Para minha grata surpresa, a primeira foi sobre o declínio global da diversidade das populações de joaninhas, insectos que estudamos há décadas na nossa Universidade. John Losey, da Cornell University (USA) tratou magistralmente o tema, com grandes paralelismos com o que ocorre nos Açores. Em seguida, Simon Evans, especialista suíço da Universidade de Zurique, demonstrou o significado evolutivo das manchas frontais dos pequenos papa-moscas da ilha báltica de Gotland, resultado de mais de 30 anos de estudos ininterruptos. Evans mostrou que existe uma relação entre esta variação ornamental e o aquecimento global. Finalmente, J. Hawkins, da Associação Biológica Marinha do Reino Unido, apresentou os trabalhos que, desde o acidente do petroleiro “Torrey Canyon” até hoje, permitiram avaliar a recuperação das populações marinhas costeiras e a monitorização dos efeitos de longo prazo, para separar o que são efeitos locais da poluição, dos das alterações climáticas. Ainda dia 5, foram feitas mais 19 apresentações por investigadores do cE3c, algumas por membros açorianos do Centro.

**Dia 6 de Junho, foi o “partir pedra” das sessões paralelas** sobre tópicos comuns aos vários grupos de investigação, culminando com apresentações do

Gabinete de Comunicação e da Coordenadora do Centro. Além dos trabalhos científicos, foram atribuídos Prémios de Mérito de pós doutoramento a Artur Gil e de doutoramento a Paula Matos. Dos 21 posters apresentados no Encontro, o premiado foi para Rita Patarra, com um tema sobre o papel de certas algas castanhas na bioremediação. Ao assistir a parte das intervenções e nas trocas de ideias com participantes, ficou-me a impressão que estas ligações a grupos nacionais e internacionais são a via certa, como se comprova noutros campos. Um deles é a colaboração entre a Universidade dos Açores e a ENTA-Escola de Novas Tecnologias, cuja equipa tem participado no concurso de mini-satélites CanSat da ESA/Agência Espacial Europeia, com extraordinários resultados: 1º lugar europeu em 2016 e 2 vezes seguidas campeões nacionais. Na última competição, o Team ENTA contou com a colaboração científica da Faculdade de Ciências da UAc, com o fornecimento do material biológico que viajou no CanSat e foi avaliado após o “voo”. Depois disto, é de esperar que a ESA venha lançar novos desafios à parceria entre a ENTA e a Universidade dos Açores. Há que aceitá-los, como as Universidades de Lisboa e dos Açores fizeram, ao constituírem o Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais que tivemos o privilégio de conhecer.